

**O MISTÉRIO ARDENTE  
DA GLÓRIA DO AMOR**

TEXTOS SELECIONADOS SOBRE ECLESIOLOGIA,  
MARIOLOGIA E ESTÉTICA



**Organização:** Rudy Albino de Assunção

- *Vida a partir da morte: meditações sobre o mistério pascal*, Hans Urs von Balthasar
- *Maria para hoje*, Hans Urs von Balthasar
- *A Verdade é sinfônica: aspectos do pluralismo cristão*, Hans Urs von Balthasar
- *A oração contemplativa*, Hans Urs von Balthasar
- *Liberar a Liberdade: fé e política no terceiro milênio*, Joseph Ratzinger
- *A grande esperança: textos escolhidos sobre escatologia*, Joseph Ratzinger
- *Deus no espaço público: escritos sobre Europa, política, economia e cultura*, Joseph Ratzinger
- *No princípio está a comunhão: textos selecionados sobre Eucaristia, eclesiologia e mariologia*, Joseph Ratzinger
- *Deus, eternamente jovem e surpreendente: textos escolhidos sobre Trindade e cristologia*, Hans Urs von Balthasar
- *O mistério ardente da glória do amor: textos selecionados sobre eclesiologia, mariologia e estética*, Hans Urs von Balthasar

HANS URS VON BALTHASAR  
RUDY ALBINO DE ASSUNÇÃO (org.)

# O MISTÉRIO ARDENTE DA GLÓRIA DO AMOR

TEXTOS SELECIONADOS SOBRE  
ECLESIOLOGIA, MARIOLOGIA E ESTÉTICA



*Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.*

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*  
Gerente de design: *Daniilo Alves Lima*  
Coordenação e revisão técnica: *Rudy Albino de Assunção*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Preparação do original: *Cícera Gabriela Sousa Martins*  
Capa e diagramação: *Júlia Cardoso Nascimento*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8/7057)

---

Balthasar, Hans Urs Von.

O mistério ardente da glória do amor : textos selecionados sobre eclesiologia, mariologia e estética / Hans Urs von Balthasar ; organizado por Rudy Albino de Assunção. - São Paulo : Paulus, 2023.  
(Coleção Fides Quærens).

ISBN 978-65-5562-856-2

1. Teologia 2. Eclesiologia 3. Mariologia 4. Cristianismo  
I. Título II. Assunção, Rudy Albino de III. Série

23-0880

CDD 230

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Teologia



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações  
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:  
[paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)  
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

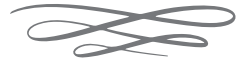
1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-65-5562-856-2

# SUMÁRIO



- 7 APRESENTAÇÃO
- 9 O CRISTIANISMO E AS RELIGIÕES DO MUNDO: BREVE EXPOSIÇÃO
- 27 VENERAÇÃO A MARIA HOJE
- 35 MULHERES SACERDOTES?  
UMA IGREJA MARIANA NUMA CULTURA SEM MÃE E SEM PAI
- 43 A DIGNIDADE DA MULHER
- 51 UMA PALAVRA SOBRE A ENCÍCLICA *HUMANAE VITAE* DE PAULO VI
- 67 PEDRO E OS ESTEIOS DA IGREJA
- 71 BELEZA TERRENA E GLÓRIA DIVINA
- 77 MOZART
- 81 *LE SOULIER DE SATIN* DE PAUL CLAUDEL
- 95 ORIGENS DOS TEXTOS



# APRESENTAÇÃO



Hans Urs von Balthasar era considerado, por Henri de Lubac, o homem mais culto do seu tempo. Por isso mesmo, o jesuíta francês assinalava a imensidão da obra do teólogo de Basileia: “É tão variada, tão complexa, normalmente tão pouco didática, desdobra-se em gêneros tão diversos, que é difícil notar sua unidade à primeira vista. Mas em compensação, desde que nos tivermos habituado a folheá-la, sua unidade se nos apresentará com tal evidência que nos parecerá difícil expor o seu conteúdo sem traí-la”.<sup>1</sup>

Balthasar produziu uma obra não sectária, profundamente católica, que convida ao ato e à decisão.<sup>2</sup> Sua variedade é expressão da vastidão de sua cultura, evidencia seu trânsito por diversas áreas do conhecimento (sobretudo a filosofia e a literatura), mas mostra, acima de tudo, a sua abertura aos sinais de Deus no mundo. “Posso afirmar que a sua vida foi uma busca genuína da verdade, que ele compreendia como uma busca da verdadeira Vida. Procurou os vestígios da presença de Deus e da sua verdade em toda a parte: na filosofia, na literatura, nas religiões, chegando sempre a interromper aqueles circuitos que, muitas vezes, fazem a razão prisioneira de si e abrindo-a aos espaços do infinito”, afirmava Bento XVI.<sup>3</sup>

Prova disso é esta pequena miscelânea com textos dele sobre a relação entre o cristianismo e as outras religiões; sobre o primado petrino e a *Humanae vitae*; sobre a figura da mulher e a veneração a Maria Santíssima; e, enfim, sobre arte e beleza.

---

<sup>1</sup> Henri de Lubac, *Paradoxo e mistério da Igreja*, São Paulo: Herder, 1969, 155.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 156.

<sup>3</sup> Bento XVI, Mensagem aos participantes no Congresso Internacional no Centenário do nascimento do teólogo Hans Urs von Balthasar, 6 de outubro de 2005.

Mais uma vez, dentro da coleção *Fides quaerens*, aparece um volume que recolhe artigos de Balthasar, publicados nas edições brasileira e portuguesa da revista *Communio*, desde a década de 1980.<sup>4</sup> A editora Paulus achou por bem resgatá-los das prateleiras das bibliotecas teológicas, a fim de que continuem a conduzir ao contato com a verdadeira imagem da Igreja, com a verdadeira beleza e, assim, com a glória que nos foi prometida.

*Rudy Albino de Assunção*

Organizador

---

<sup>4</sup> Agradeço, de modo particular, a Filipe Gonçalves Macêdo pela revisão da transcrição dos textos, e à professora Maria Branco, da *Communio* portuguesa (da Universidade Católica Portuguesa), pela diligência com que me ajudou na coleta do material produzido em seu país.



# O CRISTIANISMO E AS RELIGIÕES DO MUNDO: BREVE EXPOSIÇÃO



O espaço aqui oferecido é exíguo para a exposição exaustiva do tema, e deve ser utilizado para prevenir, na medida do possível, a estultice de justapor as religiões ditas “do mundo” como possuindo o mesmo valor, podendo-se escolher e abraçar alguma delas à vontade.

A religião reina onde o homem sabe que, definitivamente, deve mostrar-se reconhecido pela sua existência. Ao deixar de perceber essa condição (por esquecimento), ou quando se sentir incapaz de assumi-la (dado o caráter assustador do mundo), ele se rebela contra Deus (o que acaba sendo um contrassenso, se Deus, o Bem absoluto, existe), ou sucumbe ao ateísmo que não permite nenhuma interpretação do sentido da existência pessoal, e se afasta da esfera das religiões.

Em três passos, passaremos do mais geral ao particular e, finalmente, nos perguntaremos sobre a possibilidade de uma convergência das religiões, sobre a sua integração.

## I. OS DOIS HEMISFÉRIOS

No mundo atual, delineiam-se, com clareza, dois planos do religioso: o ocidental e o oriental. O hemisfério ocidental é marcado pela religião da revelação: judaísmo, cristianismo e islamismo (que descende das duas primeiras): reina aqui a ideia de um Deus livre, pessoal que, sem nenhuma coação, inventou e trouxe à existência o mundo real, como

o “outro” dele próprio que, contudo, traz em si, necessariamente, o selo de sua origem, o “ser à imagem de Deus”. Diante dele, o mundo oriental, em todas as variantes de sua religiosidade,<sup>1</sup> é dominado pela representação de um divino impessoal, pelo fundamento originário que, como tal, “aparece”, necessariamente, na multiplicidade de algum tipo irreal de mundo, e que deve ser buscado por trás da aparição ou do fenômeno que o encobre. Abstraindo-se das religiões ditas “primitivas” e dos grupos sem religião, os dois blocos se deparam, possuindo cada um cerca de um bilhão de adeptos.<sup>2</sup>

A diferença entre as duas tendências é que, no Ocidente, o homem religioso encontrou uma revelação vinda de Deus que entrou na história, ao passo que, no Oriente, ocorre o contrário: o movimento vai do homem religioso para o Absoluto divino, mesmo quando um ser particularmente iluminado, como Buda ou Lao-Tsé, encontra e indica o “caminho”. Existe, porém, um ponto comum entre os dois hemisférios: o conhecimento de estar intimamente relacionado com o Absoluto divino, vendo-se, sob a perspectiva ocidental, como a “imagem de Deus”, ou, segundo a visão oriental, como “forma de aparição”, inicialmente velada, alienada, do Absoluto.

Esse ponto comum aos dois blocos é de uma importância fundamental. O homem, na sua individualidade isolada, se sente elementarmente relacionado (*religio*) com um fundamento originário de seu nascimento, e a realização dessa relação (tanto na contemplação interior como na ação exterior) o situa, em primeiro lugar, em sua “verdade”. Ser “imagem” ou ser “aparição” é, conseqüentemente, apenas o ponto de partida de um movimento, de uma transcendência. Os Padres da Igreja exprimiram esse pensamento numa visão clássica, interpretando a afirmação, no início da Bíblia, de que o homem “foi criado à imagem (ou em vista da) e semelhança de Deus” (Gn 1,26), entendendo por

---

<sup>1</sup> Como o bramanismo, hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, xintoísmo. Podemos omitir aqui as antigas religiões extintas.

<sup>2</sup> Números da década de 1970, data de elaboração do artigo original (nota do tradutor francês). Atualmente, estima-se que existam mais de 2 bilhões de cristãos, 1,5 bilhão de muçulmanos e cerca de 14 milhões de judeus – no lado das religiões ocidentais; enquanto as religiões orientais tradicionais (hinduísmo, budismo, xintoísmo etc.) devem contar com menos de 2 bilhões de seguidores (nota dos editores).

“imagem” a natureza criada do homem. Essa imagem deve, pelo esforço consciente e pela graça providente de Deus, purificar-se e aperfeiçoar-se, na busca de uma “assimilação” que o torne semelhante ao seu arquétipo – Deus. Algo análogo é o que manifestam todas as formas orientais da religião: em todas elas, o homem deve “transcender” a sua essência natural, em que se encontra no ponto de partida, para chegar à realidade verdadeira. Em ambos os hemisférios, “a imagem”, que é o homem, é algo que deve ser trabalhado, purificado, a fim de que a semelhança se realize pouco a pouco: o homem quer, antes de tudo, ser como se encontra, à primeira vista; ele se vê egoisticamente preso à sua forma de aparição; ele não quer se reconhecer devedor e agradecer; quando o faz, o faz contra a vontade e superficialmente; ele deve “superar-se” para chegar a um amor abnegado, preferencial, de seu arquétipo divino.

Aqui, porém, a diferença aflora com mais realce. No Ocidente, onde Deus é reconhecido como alguém que cria livremente, o si mesmo de cada indivíduo é um face a face proveniente da vontade e, como tal, amado por Deus; o “desprendimento” (*Selbstlosigkeit*) do amor significa, portanto, aqui, que devo passar do egoísmo de meu eu para um desinteressado amor de Deus, de meus semelhantes (que são todos uma única pessoa querida por Deus) e de mim mesmo, sempre auxiliado pela graça divina. No Oriente, pelo contrário, o eu individual é apenas a aparição de um fundamento originário divino (ou o “Si mesmo”), e, conseqüentemente, “desprendimento” significa “deixar para trás de si” a individualidade aparente própria, a fim de viver a partir do núcleo de verdade em que todos os indivíduos são idênticos. Nos dois hemisférios, ocorre o “desprendimento”, pelo fato de Deus, o “Absoluto”, ser “desprendido”, mas o sentido correspondente à representação de Deus é distinto: no Ocidente, a pessoa (que permanece) deve desprender-se de si, porque Deus criou o mundo e a mim mesmo sem estar, de sua parte, sujeito a qualquer necessidade, a partir de um amor desprendido; no Oriente,

o indivíduo deve renunciar ao seu “ser-eu” (*Ichsein*), porque o divino é desprovido do eu.<sup>3</sup>

O amor desprendido, de caráter ocidental (particularmente o ágape cristão), ama a Deus por ele mesmo e ama o próximo, porque a pessoa dele é amada absolutamente por Deus. O amor desprendido, de caráter oriental, é, antes de tudo, compaixão (*maitrî*) com o ser ainda aprisionado nos laços do ser-eu (homem, animal ou planta). A individualidade é idêntica ao sofrimento, e o sofrimento só pode ser suprimido eficazmente pelo desprendimento do ser-eu.

Visto que, no Oriente, o Absoluto não é, afinal de contas, pessoal (existem, inegavelmente, divindades pessoais anteriores, e nenhuma religião popular poderia dispensá-las), pode existir aí a falta (com a conseqüente recaída em uma nova individuação no caminho da redenção), mas não haverá aquilo que o Ocidente chama de pecado: ofensa do amor pessoal e da santidade de Deus, do mesmo modo em seu mandamento divino do amor do próximo. De uma falta cometida, o homem pode absolver-se mediante ações compensatórias, mas do pecado não pode, a não ser que o perdão de Deus tome a iniciativa e ele responda com a conversão.

Tudo isso forma o quadro teórico que diferencia profundamente a religião dos dois hemisférios, apesar de um fenômeno fundamental comum – o conhecimento de uma relação retrospectiva (*religio*) com o fundamento originário. Mas ainda não foi dito tudo: segundo o entendimento ocidental, principalmente cristão, Deus, em sua livre misericórdia, se voltou para os homens, inclusive para aqueles que não o conhecem, pela revelação bíblica histórica. Portanto, não podemos saber se os seres humanos que buscam o absoluto-impessoal “de toda sua alma”

---

<sup>3</sup> Prudência em face das formas mistas ambíguas. No Ocidente, pode-se dizer que o caminho para o interior vai do eu superficial à profundidade do si mesmo; a questão está em saber se esse si mesmo é o núcleo criado da pessoa (se for, não há nenhuma dificuldade), ou se é idêntico ao fundamento originário divino (nesse caso, estaremos diante da concepção oriental). Além disso, pode-se dizer, no Ocidente, que o núcleo mais íntimo da pessoa criada é divino, e, com esse núcleo, ela precisa identificar-se. O problema é saber se por esse núcleo se entende a “ideia” divina que Deus, desde toda a eternidade, tinha de mim como de uma pessoa a criar. A essa devo procurar corresponder, mas nela me transformar não é possível, dado que a ideia é idêntica a Deus e eu, uma criatura, não posso vir a ser ele. Finalmente, pode-se, no cristianismo, pensar em uma assimilação ao Filho de Deus nascido eternamente do Pai, “no qual foram criadas todas as coisas”. Mas ninguém que for “incorporado” ao Filho pela graça de Deus pode identificar-se diretamente com ele (o Filho), como princípio incorporador (heresia do isocristicismo). Para cada um dos três planos, é necessário, especialmente hoje, um dom moderado de discernimento.

não encontram, nessas condições, no seu íntimo, o amor do Deus livre. Existem, também, formas da religião oriental que se aproximam muito da compreensão ocidental da graça, como o Buda-Amida, especialmente no Japão, e a escola de Râmânuja (século XI) que, no fim da vida, julgava que não poderia alcançar a redenção pelo simples conhecimento, mas descobria, no próprio absoluto, sinais do amor.

Não obstante as marcantes particularidades, existem caminhos viáveis entre o Oriente e o Ocidente. O Oriente pode mostrar ao Ocidente superatarefado a necessidade do sossego e do recolhimento interior que o Ocidente deveria conhecer por si mesmo, sendo esta, como é, a condição para ouvir, no coração, a palavra “silenciosa” que Deus nos dirige. Por sua vez, o Ocidente pode mostrar ao Oriente o que é, acima de toda “compaixão”, o amor pessoal de Deus e do próximo e tudo de que esse amor é capaz. O que nenhum indiano fez: recolher nas ruas de Calcutá pessoas que morriam na miséria e lhes mostrar o sorriso do Amor de Deus, a Madre Teresa fez. O que ela faz e o que ela é, é precisamente o exemplo de vida a ser dado ao Oriente, se ali se admitir a possibilidade da encarnação definitiva de Deus em um homem histórico (e sua imitação). Que Deus se volte, descendo até o histórico-único, para o homem que o busca, que não pode encontrá-lo por suas próprias forças, nem mesmo com ajuda das técnicas mais perfeitas, é o máximo que possui o Ocidente, que agora nos obriga a abordar as religiões da revelação.

## II. ASTRÊS “RELIGIÕES ABRAÂMICAS”

Antes de entrarmos nesse tema, examinaremos a situação precária em que se encontram as religiões orientais. O budismo praticamente desapareceu de sua terra de origem, a Índia. O hinduísmo, que sucedeu ao budismo, misturou-se com uma quantidade de superstições politeístas. O xintoísmo japonês, como politeísmo contendo forte motivação política, foi abolido, desde 1946, como religião estatal, e permanece como religião nacional privada. O confucionismo, que foi sempre uma ética social, mais propriamente que uma religião, foi abolido pelo maoísmo.

Os métodos de meditação (ioga, budismo zen), vastamente difundidos pela Europa, encontram-se escassamente representados nos países de origem, em círculos intelectuais. A questão que se estipula é se a penetração da civilização técnica ocidental não condenou os politeísmos (“em primeiro plano”) à extinção rápida, ao passo que as doutrinas (“em segundo plano”) com fundamento impessoal do mundo se deixam combinar facilmente com variantes do ateísmo marxista.

Em compensação, as três religiões monoteístas com origem na revelação histórica, judaísmo, cristianismo e islamismo, ostentam uma vitalidade bem acentuada e, sempre, em todas as camadas da população. No entanto, essas religiões não representam três expressões, postas uma ao lado das outras com o mesmo valor, de uma espécie comum. A raiz é constituída pelo judaísmo, que tem sua origem na primeira revelação feita a Abraão, posteriormente a Moisés e, na medida em que o cristianismo e o islamismo reconhecem essa origem, todas as três se caracterizam como “religiões abraâmicas”. Filósofos da religião – como Louis Massignon (1883-1962) – e papas – particularmente Paulo VI – procuraram promover o entendimento dessas três religiões com base na origem abraâmica. O entendimento não é fácil, embora as três proponham o monoteísmo pessoal como base inabalável.

O judaísmo permaneceu, em todos os tempos, o que foi desde o início: a religião do povo escolhido. Nessa nacionalidade (*Volkstrum*), que se mantém inequivocamente, apesar do número pouco importante e da mistura com todos os povos do mundo, reside algo de enigmático, naturalmente quase inexplicável, que continua unindo os judeus entre si, mesmo onde a ortodoxia judaica e a direção conservadora tenham sido abandonadas. O novo Estado de Israel, em que os judeus fiéis formam uma minoria, é a melhor prova desse fenômeno. Isso não impede, contudo, que a adesão à fé dos pais, à lei mosaica e a sua interpretação profética constitua o núcleo da religiosidade judaica que age sempre vivamente e sempre se regenerando.

O cristianismo se baseia no reconhecimento de Jesus de Nazaré como o Messias prometido ao povo judeu, que não foi por esse povo reconhecido e que, quando muito, foi considerado por alguns como um

grande profeta. Esse Jesus foi também reconhecido como o Filho que faz parte essencial de Deus, a quem ele chama seu Pai com um significado exclusivo e que, depois da sua morte na cruz e sua ressurreição, transmitiu o “Espírito Santo” divino. Aqui, o monoteísmo (estritamente mantido) mostra uma riqueza interior (um Deus em três “hipóstases” é em si mesmo, por essência, Amor) que o judaísmo e o islamismo consideram rejeição da ideia do monoteísmo. A recusa dos judeus de reconhecer Jesus como o seu Messias, causa, aliás, para os cristãos, uma ruptura na história da salvação dos homens que não pode ser curada só por acordos ecumênicos, e que só pode ser sanada no final dos tempos. O cristianismo reconhece o Antigo Testamento judeu como a necessária e duradoura pré-história significativa da aliança definitiva com Deus em Jesus Cristo (sendo, nessa medida, uma “religião abraâmica”), ao passo que o judaísmo contesta a legitimidade do cumprimento neotestamentário.

O islamismo, na sua escritura sagrada, o Alcorão, depende tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Abraão, Moisés e Jesus são, para essa religião, os precursores proféticos da revelação profética definitiva, feita a Maomé. Mas cristãos e judeus teriam, em parte, esquecido e, em parte, adulterado a revelação originária, que o último profeta apresentaria na sua pureza. A unicidade absoluta de Deus (*Allah*) e o abandono confiante à sua vontade (*islâm*, chamando-se *muslim* os que o praticam) são o único conteúdo teológico, cercado, porém, de inúmeros deveres rituais (imposição da oração cinco vezes ao dia, peregrinação, jejum, esmolas) e de prescrições legais. Afluíram também ao islamismo influências de outras religiões orientais. Mas o monoteísmo radical faz o islamismo aparecer como um judaísmo ou judeu-cristianismo (herético) (de onde surgiram influências demonstráveis em Maomé), que teria sido despojado de sua dinâmica escatológica (do Messias vindouro ou da volta de Cristo). Em lugar de tudo isso, instalou-se no islamismo, periodicamente, um impulso de expansão política confessional.

Judaísmo e islamismo formam, com seu monoteísmo rígido, uma linha de frente contra o cristianismo, que aparentemente é posto em perigo em face do dogma da Trindade. As duas religiões se recomendam, pela simplicidade de sua posição fundamental, aos que se dispuserem